

Artigo recebido em:

19.04.2020

Aprovado em:

14.07.2020

**Andriolli Costa**

Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS, Mestre em Jornalismo formado pela UFSC.

E-mail: andriolli\_costa@hotmail.com

# Jornalismo e mito: fundamentos de uma crise simbólica

Andriolli Costa

## Resumo

Este trabalho se desafia a compreender as transformações no imaginário do Jornalismo na passagem do período industrial para o pós-industrial, quando a mídia de massas dá lugar à massa de mídias. Para tanto, busca ampliar o olhar das Teorias do Jornalismo a partir do aporte da Teoria Geral do Imaginário, de modo a compreender as variâncias e reminiscências nas imagens que permeiam o campo epistemológico deste objeto em crise. A leitura simbólica foi construída a partir da mitocrítica de obras clássicas para a epistemologia do jornalismo no Brasil, ainda em seu momento industrial, servindo como fundamento para tensionar as dinâmicas pós-industriais. A análise nos permitiu compreender que as imagens que constelam no imaginário do jornalismo são dinamizadas a partir de suas respostas imaginantes a pulsões ancestrais: Mitos do Tempo, Mitos Especulares, Mitos do Progresso e Mitos da Ordem. A partir deste arcabouço simbólico-mítico, delineamos as imagens evocadas pelo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Mito. Imaginário.

## Journalism and myth: foundations of a symbolic crisis

### Abstract

The challenge of this paper is understanding the imaginary of Journalism transformations in the transition from the industrial to the postindustrial period, when the mass media gave place to the media of the masses. To this end, it seeks to broaden the Journalism Theories perspective based on the contribution of the General Theory of Imaginary, as to better understand what variances and reminiscences in the images permeate the epistemological field of this object in crisis. This symbolic reading is constructed from the mythocritic of classical Brazilian journalism epistemology books from the industrial period, which constituted our foundation while tensioning the post-industrial dynamics. The analysis allowed us to understand that the images constellating in the imaginary of journalism are dynamized from their imaginary responses to ancestral drives: Myths of Time, Myths of Vision, Myths of Progress and Myths of the Order. Hence this symbolic and mythic framework, we could highlight the imagens evoked by our contemporary times.

**Key words:** Journalism. Myth. Imaginary.

**E**ste trabalho se desenha a partir de uma pesquisa anterior que buscou compreender os fundamentos epistemológicos para as transformações no imaginário do Jornalismo ao longo do século XX. Ao sintetizar o texto fonte, carrega seu mesmo objetivo: delinear, a partir de uma mitocrítica de obras fundamentais para a epistemologia dos estudos da narrativa do tempo presente<sup>1</sup> quais foram as transformações no âmbito do simbólico que afetaram os modos de conhecer o jornalismo e de como este conhece a si mesmo.

<sup>1</sup>Como Medina caracteriza o jornalismo (1993).

Nesta passagem do período industrial para o pós-industrial do jornalismo, como exploram Anderson, Bell e Shirky (2012), vivemos um período no qual lidamos com as consequências de um processo que fez a outrora coesa indústria de notícias perder o monopólio da circulação do discurso da atualidade. Tensionado e questionado por uma série dentro e fora de um ecossistema midiático, o Jornalismo caminha por um terreno de mudanças tectônicas. Com isso em vista, nos orienta a hipótese de que a crise que permeia a imprensa não se restringe a dificuldades na adaptação de modelos de negócios, nem mesmo à mera perda de credibilidade que coloca todo um contrato comunicativo em disputa. A crise, argumentamos, também se dá nos campos do Imaginário.

Ampliar o espectro de análise sobre o campo jornalístico para além de seus tradicionais pontos de mirada ganha caráter imperativo diante das ações do contemporâneo. Tempos em que o jogo midiático foi vencido por analistas e marqueteiros, que sequestraram as pautas da mídia e tomaram a opinião pública; na qual a sensação de insegurança levaria a desejos de abolição de direitos e liberdades – inclusive de imprensa; e nos quais o jornalismo, que já foi interventor do povo perante os governantes, balança que equilibrava e fiscalizava os poderes, detentor da chave para a informação compartilhada, passou a ser apontado como inimigo do Estado (ou do Povo) e, conforme a conveniência, instrumento de confirmação enviesada de discursos.

Evidentemente, esse movimento de descrédito coletivo não surgiu do nada. Asa Briggs e Peter Burke, ao investigarem a história social da mídia, ressaltam: “o papel da imprensa e dos jornalistas que vivem dela sempre foi controverso. A falta de confiança nos ‘jornalistas’ já era lugar-comum no século XVII. As acusações sobre ‘denúncias de corrupção’ também são antigas” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 12).

Não seria correto, entretanto, compreender essas reminiscências como um índice da imutabilidade dos periódicos. Esse jornalismo gazeteiro representa meramente a primeira fase deste campo que mais tarde seria cooptado pelas políticas partidárias e por fim moldado pela revolução industrial e a consolidação do capitalismo global. E se certamente o papel da imprensa nunca foi uma unanimidade, a história validou sua importância na organização do debate e da opinião pública que por fim levaram à transformação da ordem social. Este processo se deu com a instauração do jornalismo moderno do século XIX, filho legítimo do casamento entre o Capitalismo burguês emergente e a revolução industrial (GENRO FILHO, 2012), e é por isso que escolhemos este período como o primeiro recorte para delimitar nossa análise.

É possível estudar empiricamente o imaginário porque ele se epifaniza em cada manifestação criativa na forma de imagem simbólica. “Para encontrá-la, são necessários instrumentos específicos, resultantes de uma heurística peculiar ao entendimento que se tem sobre o que seja o imaginário” (BARROS, 2010, p. 127). Organizamos esta leitura a partir da concatenação destas imagens em mitos.

Mito é a manifestação discursiva do imaginário. É através da análise dos mitos, sua alternância e permanência, que Durand propõe uma mitodologia, isto é, a metodologia de análise própria aos estudos do Imaginário, fundada na “mitocrítica” e na “mitanálise”. A primeira, ligada à crítica literária, está “vencionada para captar e tratar os mitos e suas figuras patentes e latentes nos textos literários e poéticos” (ARAÚJO, 2014, p. 18). É ela que permite perceber as oscilações das imagens simbólicas dentro da bibliografia de um autor, reforçando ou recusando mitos diretores – afinal, tanto a revolução quanto a contrarrevolução mobilizam forças no Imaginário. Para além desta relação entre tese e antítese, por certo que existirão imagens isoladas destes polos, mas serão de mais difícil captura.

Já a segunda, a “mitanálise”, é desdobramento da psicanálise e se orienta no sentido de “detectar os mitos diretores que animam as sociedades ao longo do seu tempo e do seu espaço” (ARAÚJO, 2014, p. 18). A partir dela, é possível capturar não apenas a mitologia que anima uma obra, mas toda uma época – enquadrada a partir de um grande espaço de tempo. Desta forma, é incomum que um pesquisador se dedique a produzir uma mitanálise por si só. Por outro lado, não é raro que aqueles que se debruçam sobre uma mitocrítica se deparem com preocupações sociais e culturais que ampliam a metodologia em direção a um princípio de mitanálise. Na pesquisa, buscamos este caminho da mitocrítica expandida, que apresentaremos aqui de forma resumida.

Encontramos suporte para a seleção das obras para a análise a partir de uma reflexão de Cremilda Medina. Por ocasião de sua titularidade na Escola de Comunicação e Artes da USP, onde atua como professora desde a década de 1970, Medina produziu a primeira parte de Fundamentos epistemológicos da informação jornalística (1993). Na obra, faz ela própria um resgate das principais referências bibliográficas que colaboraram para a construção epistemológica do discurso da atualidade – como prefere, em lugar de Jornalismo.

A autora separa, de início, a produção intelectual do campo em três grandes fases: os textos referentes ao Direito à informação, em que o jornalismo era apontado como ferramenta indispensável para a construção de um estado democrático, reforçando os estatutos iniciais do contrato comunicativo e da liberdade de imprensa; a validação da técnica, onde discute-se questões referentes a objetividade e imparcialidade, estabelecendo as bases para a formação profissional e o pensamento crítico, onde a sociologia frankfurtiana ou a influência marxista – especialmente via Gramsci farão predominar uma visão questionadora sobre os meios.

Para a escolha das obras buscamos trabalhar em pares com aquelas que, tendo em vista as fases epistemológicas identificadas por Medina, corresponderiam, a cada um destes três momentos. Estes períodos, percebemos, foram atravessados por momentos-chave para nossa historiografia: os primeiros anos da República, quando a imprensa moderna ainda estava muito apegada ao discurso liberal; a revolução tecnológica nos anos 1960 – com a introdução do *Lead* e da standardização de formatos e práticas; a imprensa da Ditadura Militar e a recente democratização.

- a) Rui Barbosa – A imprensa e o dever da verdade (1920)<sup>2</sup>
- b) Barbosa Lima Sobrinho – O Problema da Imprensa (1923)
- c) Luiz Beltrão – Iniciação a Filosofia do Jornalismo (1960)
- d) Danton Jobim – O Espírito do Jornalismo (1960)
- e) Nilson Lage – Ideologia e Técnica da Notícia (1979)
- f) Adelmo Genro Filho – O Segredo da Pirâmide (1987)

<sup>2</sup>*Datas das suas publicações originais.*

Não buscaremos restringir as referências bibliográficas a estes autores; o que apresentamos é uma chave de leitura a partir da qual poderemos lançar os olhos sobre o objeto jornalístico. Vale ressaltar que, por certo, qualquer seleção é passível de questionamento. No entanto, no nosso entendimento, quaisquer obras selecionadas nos períodos em questão seriam passíveis de oferecer imagens simbólicas semelhantes, espelhando o tempo de sua produção. A obra cultural fala sobre seu tempo, está impregnada de Presente. Luiz Beltrão, remetendo a Tristão de Ataíde, acredita que o jornalismo deve ser capaz de “capturar o SOS que as coisas, seres e acontecimentos lançam a cada momento” (2003, p. 70), e é esse fala mítica que buscaremos escutar.

## Mitos de Tempo e de Ordem - De Cronos a Zeus

“O jornalismo industrial impôs a concorrência e desta nasceu a tirania do relógio e dos competidores”, sugere Beltrão (2003, p. 87). Não que o tempo não tenha sido sempre uma constante neste campo, uma vez que a marca do diário está inclusive cravado no *jour* que lhe dá o nome, mas sua influência se faz ainda mais intensa

a partir do século XIX. Em sua fase industrial, afinal, o jornalismo é a manifestação última de um “discurso do presente”. Marcadamente, aponta Medina, o texto jornalístico é produzido em um tempo complexo. “Nunca um presente enxuto, o momento direto, sempre o aprofundamento do presente num raio quase atemporal” (1978, p. 116). E o que é o Presente se não este instante fugidio que, no mínimo intervalo entre o acontecer e o narrar, já desaparece, assumindo seu lugar enquanto Passado? Este momento da ação imediata que, tão logo vê a luz, é inexoravelmente devorado?

Podemos entender que a atualidade – uma das características essenciais do jornalismo – “é o presente, o que ocorre sobre a marcha do tempo” (BELTRÃO, 2003, p. 70). O jornalismo, então, viveria no momento, informando sobre o presente e fixando-o para o futuro. Encontramos a relação com o tempo também em outro elemento que sintetiza sua essência: a periodicidade. “A obra jornalística é constante, realiza-se praticamente dia a dia, hora a hora, na proporção em que os fatos se sucedem” (BELTRÃO, 2003, p. 69). Esta comunicação periódica é uma exigência da comunidade para com o Jornalismo, visto que tais informações sobre a atualidade são necessárias para direcionar a agência sobre o mundo.

Na década de 1960, acompanhando a virada norte-americana do jornalismo brasileiro – que viria a impor lógicas de uma eficiência objetiva tanto por parte do jornal enquanto empresa quanto do repórter, Danton Jobim refletia sobre o encurtamento do tempo para o acontecimento jornalístico. Em seu raciocínio, a medida do tempo que interessava ao Jornalismo não deveriam ser séculos, anos ou meses. “O passado, para ele, é o dia de ontem – talvez menos que isso” (JOBIM, 1992, p. 29). Este pretérito, inclusive, que só ganha relevância jornalística quando alguma circunstância o coloca em relação direta com o presente. Afinal, do ponto de vista da didática jornalística, diagnosticava ele, o homem aprenderia mais pela ação exemplar imediata que pela lembrança de outros tempos. Quanto mais distante do tempo o acontecimento, menos o leitor será influenciado por ele (JOBIM, 1992, p. 32).

Beltrão (2003) conclui que o jornalismo desperta o preconceito do cotidiano, do efêmero. O público que exige ser informado sobre o presente, impulsionando a técnica em direção à eficiência produtiva, é o mesmo que criticará a superficialidade do relato, a alternância de versões conforme o caminhar da cobertura jornalística, os erros parcamente corrigidos diante dos fatos que massivamente se desenrolam em frente ao repórter. É o mesmo público que não hesita em satisfazer seu apetite pela atualidade com as atualizações constantes das redes, e que parecem pouco propensos a perceber a distinção entre um e outro.

Os dentes vorazes que rasgam o Presente são os de Cronos, o “ogro primordial” (DURAND, 2012). Titã que representa a personificação do tempo que nos assola. Para entender o impacto simbólico deste elemento sobre o imaginário do Jornalismo, precisamos entender primeiramente o que representa este titanismo e quais suas origens profundas.

Como nos lembra Malena Contrera (2004), diferente de outras figuras da mitologia greco-romana, como os Deuses e monstros sobre os quais a profusão de imagens que os cercam permite rapidamente reconhecer metáforas da alma humana, pouco se sabe sobre os Titãs. São, conforme indicam os mitólogos, forças brutas da terra, reflexo de um estado selvagem de insubmissão da natureza nascente em luta contra o espírito. “Sua meta é a dominação, o despotismo” (BRANDÃO, 1986. p. 196-197). Uma atitude corroborada pelo nome que carregam, derivação do grego *titaks* e *títene*, “reis” e “rainhas”.

Os titãs são os filhos de Urano, o céu, pai primordial, com Geia, a terra, representação da grande mãe. Céu e terra, então, estavam unidos por um casamento sagrado. Não possuíam separação e, portanto, não existia distinção entre as coisas do espírito e a materialidade. Juntos tiveram suas crias – os 12 titãs, os hecantonquiros com seus 100 braços, ciclopes com seu único olho e os gigantes, igualmente brutais. Enquanto os monstros ligados à agência primeva foram presos no Tártaro, os titãs tão logo nasciam eram empurrados de volta para o ventre materno.

Geia então pede ajuda aos filhos, e é atendida apenas pelo caçula, Cronos. Dotado de uma foice, instrumento sagrado para a colheita, Cronos castra o pai.

A virilidade extirpada de Urano, respingando sangue e sêmen, trará vida à terra. O filho, por fim, toma seu lugar como pai de todos, desposando sua irmã Réia. A castração traz a impotência em todos os sentidos.

O caráter impositivo e primal dos Titãs, para Contrera (2004, p. 5), deixa nossa sociedade contemporânea rendida diante de tais forças ancestrais. Política, economia, comunicação e valores estariam entregues ao titanismo em suas manifestações mais sombrias. “Os homens de nosso tempo têm fome de conhecer o presente”, registra Beltrão (2003, p. 65). É o desejo titânico mimetizado pelo humano, que nesta urgência exige cada vez mais para aplacar seu apetite.

*Os Titãs sempre foram descritos mitologicamente como vorazes. E agora podemos ver que os Titãs nos devoram de maneira diferente do que imaginávamos: eles devoram nosso universo semiótico. Em uma época de hiperconectividade técnica, eles devoram nossa capacidade de estabelecer vínculos, elos, fios, conexões de fato comunicativas, imaginativas, que extrapolem a dimensão utilitarista e funcionalista da técnica (técnica essa que sabemos não é só utilitarista e funcionalista, mas que também sabemos estar sendo quase que exclusivamente dessa maneira usada) (CONTRERA, 2004, p. 8-9).*

E respondendo a esta fome – do público que se alimenta do Presente e de Cronos que implacavelmente o devora – que o jornalismo produz. E ao agir sob a égide deste pai castrador que muitas das suas características acabam sendo institucionalizadas. Na busca por responder ao desejo primitivo pelo presente, o jornalismo foi se tornando cada vez mais um produto industrial: notícias produzidas em ritmo fabril, alienante e pouco reflexivo. Tempo para raciocinar não há, apenas para fazer e alimentar a máquina. Um fazer que, se antes era condicionado pelo deadline da rotativa, hoje já se imiscuiu para além de qualquer rotina produtiva.

Antes de ser deposto, um oráculo de Urano – o céu, que tudo observa – prevê que Cronos, à imagem de seu pai, será derrotado e destituído por um de seus filhos. Assim, este passa a devorar cada uma das crianças geradas pelo ventre de sua esposa e irmã. Insatisfeita, a titanide trama contra o esposo e entrega para ele uma pedra no lugar de seu verdadeiro filho, Zeus. Este, crescendo distante e protegido por Geia, emergirá quando adulto para derrotar os Titãs, força das trevas primordiais, enquanto deus da luz. Neste terceiro embate geracional, por fim será Zeus quem assumirá como grande pai e deus dos deuses do Olimpo.

Nesta mudança de regência, ainda há uma figura de um pai arquetípico. No entanto, as imagens que cada mito constela são bem diferentes. Durval Faria reflete sobre as distinções na figura do Pai na mitologia grega a partir do campo da psicologia, e sugere: “Podemos pensar Urano como um pai ligado a uma fase matriarcal da consciência, em que a mulher é vista como criadora e se desconhece a função paterna – ele está ali simplesmente para gerar, para afirmar sua masculinidade” (2006, p. 47). Não há harmonia entre os aspectos do masculino e do feminino o que, por sua vez, sobrecarregado, termina por se vingar.

Mobilizando estas imagens de um pai patriarcal, controlador e castrador, exacerbam-se elementos ligados ao imaginário diarético: a distinção, o enfrentamento, a separação (DURAND, 2012). Mais importante que a diagnose são suas repercussões: “Cronos sem Réia, sem o coração, transforma-nos a todos em seres-máquina (...) metáfora de algo que está acontecendo ‘aqui-agora’ e não no futuro” (FARIA, 2006, p. 50). Algo que enxergamos perfeitamente em todo o imaginário da modernidade.

Quando Zeus assume seu lugar no Olimpo como senhor do céu, percebe-se que não o faz como um Titã, como seus predecessores, mas como um deus. Não é um impulso primitivo da terra, mas uma ordenação do espírito. Isso significa que sua relação para com os filhos, irmãos e aliados não se dá de maneira brutal. Entretanto, seria um engano considera-lo uma divindade bondosa. Zeus “não é um deus criador, no sentido cósmico, é mais um deus conquistador e ligado ao poder” (FARIA, 2006, p. 53).

Ao buscar os fundamentos epistemológicos para sua crise simbólica, percebemos que o que fez realmente com que o jornalismo fosse tolerado, e encontrasse um

espaço cativo na mente das pessoas ao ponto de que fossem geradas imagens solarizadas sobre ele – que se proliferam ou degradam com o passar dos anos – não foi a mera resistência ao tempo, mas justamente sua ação organizadora. Os jornais são “enciclopédias cotidianas oferecem um retrato dinâmico de todo o universo em incessante mudança” (JOBIM, 1992, p. 29). Ao narrar o tempo presente a partir dos acontecimentos mais singulares, o Jornalismo traria a Ordem para essa variação incessante e, neste processo, romperia com o Caos.

Por certo que há nestes exemplos uma predominância da lógica binária no ocidente. “Se a ordem é boa, o caos é ruim, uma vez que é conceituado como o oposto da primeira” (HAYLES, 1991, p.2). Podemos superar esta estrutura estanque. Os mitos não são bons ou maus, mas sua influência sobre nós pode ter consequências assim valoradas. O que trabalharemos aqui não é uma caracterização do caos enquanto algo nefasto, mas sim enquanto pulsão poderosa que nos afeta e que exige respostas imaginantes tal qual o tempo titânico.

Podemos encontrar esta relação de desordem e mistura também nos estudos de Durand. Ao observar o imaginário teriomórfico – isto é, aquele que assume a forma de animais – o autor aponta que nosso horror ao “fervilhar” (grouillement) dos vermes, serpentes ou insetos amontoados está conectado a essa pulsão arquetipal do Caos: a animação, o movimento incontrolável, a angústia diante a mudança (2012). Assim, conclui Barros, “É pela necessidade de dominar o caos, de organizá-lo em cosmos, que o homem busca a partilha de informações, ideias, conhecimentos” (2010, p. 130). Está aí a ancestralidade que ainda hoje guia nossa relação com o jornalismo.

À medida que eram desenvolvidos códigos éticos, técnicas e indústrias, o jornalismo “se tornou uma instituição indispensável para a formação e orientação dos povos” (BELTRÃO, 2003, p. 99). Percebemos que no movimento de ordenar o caos dos acontecimentos, outra imagem vai se instituindo no imaginário do campo epistemológico do jornalismo: a de Orientador. O guia que, bem informado, é capaz de direcionar o social. Ao vincularmos esta imagem com a dos mitos especulares, temos um papel quase de conselheiros dos reis.

A proximidade com o Poder, no entanto, é tentadora. E muito facilmente a promiscuidade dessa relação se evidencia. Movido pelos interesses mercadológicos, acusa Jobim, o jornal passou a “cortejar as massas, renunciando seu papel de orientação” (JOBIM, 1992, p. 59). Cotejado pela possibilidade de Poder diante dos mitos de Ordem, o jornalismo entra em conflito direto com o Zeus controlador que domina a sociedade. O resultado caminha para um castigo prometeico.

### **Mitos Especulares e de Progresso – De Prometeu a Fausto**

O Jornalismo, tal como a própria vida humana, sofre com o assédio do tempo devorador. Porém, é justamente a partir de sua relação com o devir inexorável que suas próprias limitações e características essenciais são fundamentadas. Se por um lado, o rescaldo desta ação imaginante vai fazer com que o jornalismo se perca em um presente estendido – sempre galopante e superficial, por outro, ao se olhar para trás na própria história, o passado se mostra inalcançável e idílico. Tempos áureos eternamente perdidos. Para além disso, atualidade e periodicidade se tornam estratégias para responder à devoração. Um trabalho incessante de resistência que, talvez justamente por isso, tenha encontrado resposta afetiva entre o público, uma vez que enquanto gênero humano, todos sofremos com a fome implacável de Cronos.

Diante à imediaticidade do Presente, o Jornalismo prepara armas, e elas se apresentam a partir de um “imaginário heroico”. Quando Durand apresenta a existência deste universo mítico, não está se referindo a ideias vinculadas a um imperativo de fazer o bem ou enfrentar o mal – como na referência de Herói da vulgata-, mas centrada na luta entre duas forças distintas que são postas em ativa oposição. É por isso que este universo é também chamado “diarético”, de diarese, “divisão” em grego.

O imaginário heroico se engendra a partir de um gesto postural (esquema) comum ao ser humano, o da ascensão, isto é, o ato de se colocar de pé, liberando as mãos para a luta e os olhos para distinguir o outro. Esse universo é identificado ainda por um conjunto de ações ligados aos verbos Separar, Distinguir, Cortar e seus semelhantes (DURAND, 2004, p. 40).

O ato de Distinguir está fundamente ligado a um conjunto de imagens simbólicas que se articulam nos chamados “mitos especulares”, palavra que deriva de *speculum*, termo latino para espelho, mas também para artefatos relativos à visão. De maneira mais evidente, podemos compreendê-los como aqueles que se relacionam aos olhos e suas derivações: a testemunha, o observador, o vigia. Todas imagens facilmente reconhecíveis no campo epistemológico do jornalismo.

Entretanto, é possível ir além. Como sugere Paul Virilio, ver é um ato que antecede a ação; ou seja, uma pré-ação. Nesta relação de antecipação, a ação consecutiva é transformada pelo que foi visto. Assim sendo, a constatação é uma só: ver também é prever (VIRILIO, 2011, p. 129). Assim, encontramos no imaginário do jornalismo o mito daquele que “vê antes”, que é justamente o significado do nome de mais um titã: Prometeu.

Condenado por Zeus por roubar o fogo divino para os humanos, o Titã não poderia ser meramente eliminado pelo pai dos deuses. Desta forma, sua maldição é ser mantido acorrentado ao Cáucaso, tendo diariamente o fígado devorado por uma ave – às vezes representada por uma águia, às vezes por um corvo, às vezes por um abutre.

Prometeu é o grande mito diretor da Modernidade, inspirada pelo Iluminismo e cujo impulsionador será a Revolução Industrial. E isso não é mera imposição de uma análise posterior feita pelos mitólogos; a presença do titã também fora notada ainda na época pelos diversos artistas que se inspiraram em sua narrativa. Do desafiador Prometeu de Goethe – que mais tarde daria forma ao seu Fausto, passando pelo Frankenstein, o “prometeu moderno” de Mary Shelley (1818).

Orientado também pelas pulsões prometeicas temos a emergência de dois elementos cruciais para o desenvolvimento deste trabalho. O primeiro é o Capitalismo, que herda do titanismo o impulso de devoração, sempre em busca de uma maior eficiência para a maximização de lucros, processos e lógicas. A outra é o próprio Jornalismo industrial, que ao abandonar a artesanaria da fase das gazetas e – em tese – o vínculo puramente crítico-partidário da fase equivalente à *party press*, encontrou na produção massiva, na abrangência de público e na abertura para anúncios o caminho para consolidar características hoje tão familiares.

Qual o parentesco entre Jornalismo e Capitalismo? Adelmo Genro Filho compreende que é justamente este primeiro o filho mais legítimo do casamento entre “o novo tecido universal das relações sociais produzido pelo advento do capitalismo com os meios industriais de difundir informações” (GENRO FILHO, 2012, p. 32). Tradição grega, entretanto, é que as faltas e violações cometidas (hamártias), graves que sejam, implicam em uma maldição familiar (génos) na qual os filhos devem pagar pelos erros dos pais (BRANDÃO, 1986, p. 77). Tendo como ascendentes o Capitalismo e Industrialização, e se desenvolvendo no seio da ideologia burguesa, o jornalismo muitas vezes é penalizado pela sua herança.

O produto mais típico desta maldição é o seu não reconhecimento em sua relativa autonomia e indiscutível grandeza (GENRO FILHO, 2012, p. 32). Ou seja, por muito tempo o jornalismo foi visto como instrumento de dominação burguesa ou ferramenta de transmissão dos aparelhos ideológicos do Estado. Desta forma, por vezes acaba reduzido “às condições de sua gênese histórica e à ideologia da classe que ou trouxe à luz” (GENRO FILHO, 2012, p. 32). Ignorando qualquer potência transformadora.

A relação entre o titã e o Jornalismo já foi explorada por Luis Beltrão, ainda que sem a mesma acuidade mitocrítica. Na metáfora que compõe, Jornalismo tal como Prometeu, estaria preso à atualidade como o titã ao seu rochedo. “Os acontecimentos que se sucedem são outros tantos abutres a devorar as inextinguíveis entranhas daquele que transmite à humanidade o fogo do conhecimento” (BELTRÃO, 2003, p. 75). O roubo, entretanto, foi apenas o derradeiro ato de desagrado cometido

pelo Titã em favor dos humanos e contra sua estirpe, em atos que revelam simbolicamente a vitória da razão sobre o Espírito, manifesto na figura de Zeus (TÁVOLA, 1985, p. 47).

O fogo que o titã leva aos homens pode, por um lado, ser considerado como a epitome da técnica. É ele que leva a distinção e controle do mundo natural, permitindo ao homem se proteger das feras, transformar objetos, cozinhar alimentos. Mas as chamas também permitem romper a barreira das trevas, trazendo iluminação onde antes só havia escuridão. É a metáfora viva da revelação entre conhecimento e verdade, que foi amplamente explorada durante o Iluminismo do século XVIII. E é neste contraponto que é frequente dispor a oposição entre Prometeu e Zeus como a da razão contra o Espírito, do humano contra o divino.

O relacionamento entre o titã da segunda geração e o poder centralizador sempre foi problemática e baseada na tensão. Prometeu esteve do lado de Zeus em sua luta contra os titãs da primeira leva, que derrotou Cronos e baniu os outros seres poderosos para o Tártaro. Isso, entretanto, não os torna aliados permanentes, meramente circunstanciais. O crime de Prometeu, que o levou à prisão no monte Cáucaso, não foi a simples desobediência, mas sim duas violações imperdoáveis: saber demais e fugir ao controle. Cooptado pelo Poder diante de promessas e subsídios, a Imprensa – tida como os “olhos da nação”, cegava-se propositalmente para os perigos à democracia, como arduamente criticou Rui Barbosa (1990).

Prometeu, o mito civilizador que tira o aspecto divino da técnica e o oferece ao homem, constela sobre si imagens ligadas à Distinção (razão/espírito, homem/natureza etc.); à Iluminação, pelo conhecimento e a verdade que antecipa e que traz a partir da secularização das chamas divinas; e ao Progresso, a partir de sua previsão e de um mundo no qual o fogo controlado supera o relâmpago e a ânsia pelo que virá exige o movimento constante. A partir da ânsia progressista, aliada à intelectualização da técnica, encontramos mais uma arma para tentar resistir à devoração do tempo: a Eficiência.

Barbosa Lima Sobrinho resgata os momentos iniciais dessa relação a partir dos exemplos da imprensa europeia e estadunidense nos séculos XVI e XVII. Dentre as observações curiosas, somos informados de que na Inglaterra havia uma censura acirrada sobre as gazetas impressas, sobre as quais um veto governamental impedia a circulação de qualquer conteúdo de cunho político. Por outro lado, as gazetas manuscritas tinham muito mais liberdade para abordar discussões críticas e justamente por isso, durante as primeiras décadas, houve uma coexistência destes dois modelos mesmo sendo um deles mais tecnológico e eficiente. A passagem de imprensa artesanal pelas folhas impressas, foi celebrada como uma “conquista do progresso” (2008, p. 18-19). Ainda assim, apenas a constituição de uma opinião pública pôde libertar a imprensa nascente dos rigores absolutistas. Carecia ao Titã reencontrar o mitema da Filantropia, voltando-se novamente para a pessoa humana.

*Quando encontrou no povo um aliado em vez de inimigo o periodismo tomou incremento e começou a influir na luta dos partidos e na direção da coisa pública, invadindo a esfera do governo, se não lhe usurpando os poderes, ao menos lhe recusando aquela antiga liberdade de ação e sujeitando-o ao controle da censura pública (LIMA SOBRINHO, 2008, p. 21).*

Podemos começar a delinear respostas para as tantas perguntas que se aglomeraram quando pensamos no lugar do homem neste jornalismo desumanizado a partir do entendimento da passagem do mito diretor de Prometeu para outro que compartilha sua mesma “família mítica” enquanto mito da técnica: o mito de Fausto.

Encontramos registros de um mago errante alemão conhecido como Jörg Faust ou, em alguns registros, Doutor Fausto, que teria vivido entre 1480 e 1540. Sendo ou não real sua existência – ou de seus poderes – o fato é que as narrativas sobre este homem misterioso que teria vendido a alma pra o demônio em troca de poderes misteriosos se consolidou na cultura popular da Alemanha, derivando em diversos contos folclóricos.

Mefistófeles, nome que segundo algumas versões derivaria do grego para “aquele que não ama a luz”, é justamente quem leva o homem da modernidade iluminada até sua apoteótica tragédia. O mito de Fausto, pondera Durand, é um des-

dobramento de um mito da técnica, como Prometeu. Entretanto, seduzido pelas promessas obscuras, caminha em direção ao progresso e à desumanidade (1998).

Despido da capacidade de se surpreender ou de se relacionar, Fausto é incapaz de amar. É movido apenas pela ânsia de desejar e possuir. Sua gana egoísta leva à perdição dos que lhe cercam, que encontram em seu destino a morte ou o enlouquecimento. O doutor a tudo vivencia sem se deixar afetar, incapaz de interromper-se no caminho do progresso para o maravilhamento. Quando finalmente encontrar algo que lhe mobilize a emoção, ao ponto de dizer “ó, pare, és tão formoso!”, será o dia que encontrará seu fim.

Essa perversão, no âmbito do poder, já havíamos percebido nos mitos especulares quando era a corrupção o miasma que cegava à imprensa. Lima Sobrinho assume a metáfora e acusa os governos brasileiros de se vestirem à Mefisto para tentar os jornais, os nossos Faustos. A prática se espalhou de tal forma que agora eram os próprios Faustos que procuravam seduzir o demônio. “O mercado de consciências tem mais movimento, agitação e ofertas do que o de cereais”. (LIMA SOBRINHO, 2008, p. 108).

Fausto segue sempre rumo à próxima sensação, que nada lhe diz. Como Fausto, o jornalismo busca fugir do tempo e a partir do pacto mefistotélico ganha meios para isso: o progresso. O preço a ser pago é a perda da alma, a desumanidade, o analfabetismo afetivo. Esta eficiência prometida pela técnica, todavia, quando perde de vista o humano, leva a uma simbolização de si mesmo. Tragicamente, toda a velocidade que encontramos sendo evocada pelo imaginário do jornalismo nunca é suficiente. Por mais que se fale em tempo real, em imediatistas ao invés de jornalistas, a corrida sempre parece perdida.

Cabe, todavia, lembrar que o Imaginário funciona como um equilibrador. Pulsões e imagens reprimidas por coerções antropológicas ou sociais, retornam com força arrasadora. “Quanto mais o mundo se torna objetivo, mais o homem se torna subjetivo”, reflete Morin (2009, p.173). Talvez não seja um reflexo, mas uma saída. Uma forma de resistir a essa devoração e perversão humana. À nossa revelia, os mitos cobram seu preço.

*E chegamos à grande revelação do fim do século XX: nosso futuro não é teleguiado pelo progresso histórico. Os erros da predição futuroológica, os inúmeros fracassos da predição econômica (apesar e por causa de sua sofisticação matemática), a derrota do progresso garantido, a crise do futuro, a crise do presente introduziram o vírus da incerteza em toda parte. (MORIN, 2000, p. 60)*

Ante a incerteza do presente continuado engendrado pela técnica, cego para o futuro e em eterno temor do devir, os imperativos da ordem falam cada vez mais alto no imaginário contemporâneo.

## Prospecções para um campo de incertezas

O que identificamos, neste percurso mitocrítico, é um movimento composto de distanciamento de mitos diretores. A Modernidade era fundamentalmente prometeica, e todas as instâncias da sociedade – da ciência às artes, do jornalismo ao poder político – eram orientados por este mito da técnica, do progresso, da eficiência, da distinção binária e da supressão do espírito. O jornalismo, com o caminhar da industrialização, centra-se num aspecto principal desta família mítica (o progresso) e perde de vista o ser humano para se concentrar na eficiência, no imediatismo, no tempo real, na vitória da atualidade.

Sem a previsão de Prometeu, não consegue antecipar a chegada de um ambiente pós-industrial marcado pela pluralidade de vozes, queda de receita e precarização do trabalho imaterial. Enquanto não se reconhece a origem da ofensa sagrada que resultou na crise simbólica, as ações para responder a este julgamento divino que separa e divide permanecem insuficientes.

Ainda dentro do campo epistêmico do jornalismo, é possível perceber fortemente a influência prometeica (ou mesmo fáustica) em outras iniciativas que coexistem no ecossistema midiático. Exemplo patente é o jornalismo algorítmico, em que notícias são identificadas, redigidas, postadas e por vezes até mesmo diagramadas

por autômatos. Todavia, não se pode ignorar também os momentos em que o mito se disfarça para esconder seu nome. Esse jornalismo empreendedor tão elogiado, independente e em profundidade, pode mascarar redações igualmente precarizadas, em que a remuneração baixa exige um acúmulo de funções e atividades tal qual as redações tradicionais. Importante verificar também esse jornalismo que recusa a imparcialidade pode com isso abandonar também sua função de intérprete do tempo presente, abraçando o panfletarismo e a opinião como valores anteriores à informação e a responsabilidade. É o binarismo travestido de discurso.

Ao longo do trabalho encontramos a ideia de que o jornalismo não surge para responder apenas necessidades históricas e sociais, mas responde também pulsões ancestrais ligadas à resistência à devoração do tempo e à angústia contra o caos. Desta organização do magma da infinitude de acontecimentos, surge o germen do controle. É natural. E quando este desejo de controle se encontra com um imaginário fáustico desumanizado, o jornalismo perde de vista seu principal objetivo ao informar: orientar a ação no sentido do bem comum.

Nesta disputa por controle, emerge a interferência de outro mito. É Zeus quem orienta o Poder – político, econômico, religioso – e age contra o Jornalismo que durante dois séculos reprimiu seus desejos tirânicos, a partir da vigilância constante de seus olhos uranianos, dos latidos do cão de guarda, do martelo judicial do quarto poder, do medo instituído pela presença do espantalho. A resposta é violenta: está ligada à castração do jornalismo, qual fez Cronos contra o próprio pai. Censura, perseguição econômica e política, apequenamento.

O jornalismo não parece ter sido capaz de construir novas imagens sobre si próprio. Não que elas sejam inexistentes, mas durante muito tempo elas foram estáticas, sempre retornando à figura do interventor, do herói do povo, do cão de guarda, metáforas já desgastadas e que mesmo antes de serem verbalizadas dinamizavam aquilo que há muito o jornalismo exaltava e buscava transparecer.

Isso não significa que não há uma imprensa que não seja revolucionária. A tendência é que ela seja conservadora, é claro, mantendo os interesses burgueses que a subsidiavam. No entanto, esse caos primordial pode ser encarado de várias formas. Um governo pode ser encarado como a própria fonte de caos, da desordem, cabendo a medicina, a correção. Os olhos estão sempre abertos e vigilantes. Essa busca pela ordem pode fazer com que empresas jornalísticas tomem posturas reacionárias ou transformadoras. A pulsão é a mesma. Talvez, inclusive, ocorra de jornais colaborem para gerar o caos que eles mesmos terão de combater. Nesse sentido, lembro Barbosa Lima Sobrinho: a imprensa é feita a lança de Parsifal – o único bálsamo para as feridas que ela mesmo abre (2008, p. 31).

---

## Referências

ANDERSON, C.W; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post-Industrial Journalism** – Adapting to the Present. New York: Tow Center, 2012. Relatório. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8N01JS7>. Acesso em: 19 abr 2020.

ARAÚJO, A. F. Da mitocrítica à mitanálise: um contributo metodológico em educação. In: ARAÚJO, A. F.; GOMES, E. S.; ALMEIDA, R. **O mito revivido**. São Paulo: Képos, 2014. p. 17-54.

BARBOSA, R. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: Com-Arte; Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

BARROS, A. T. M. P. Comunicação e imaginário – uma proposta metodológica. In: Intercom – **Revista brasileira de ciências da comunicação**. v. 33. n. 2, 2010.

- BRANDÃO, J. S. **Mitologia Grega**. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BELTRÃO, L. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- CONTRERA, M. **O Titanismo na Comunicação e na Cultura: os maiores e os melhores do mundo**. COMPOS, 2004.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- DURAND, G. **Ciência do homem e tradição**. São Paulo: Triom, 2008.
- DURAND, G. **O imaginário**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- DURAND, G. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- FARIA, D. L. Imagens do pai na mitologia. *In: Psi. Rev.*, São Paulo, v. 1, n. 15, p. 45-58, 2006.
- GALIMBERTI, U. **O Homem na Idade da Técnica**. São Paulo: Paulus: 2006.
- GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**. Florianópolis: Insular, 2012.
- HAYLES, K. **Chaos and order: complex dynamics in literature and science**. Chicago: University Press, 1991
- JAEGER, M. A aposta de Fausto e o processo da Modernidade. *In: Estudos Avançados*, v. 21, n. 59, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10225/11839> Acesso em: 18 abr. 2020. Acesso em: 06 jan. 2019.
- JOBIM, D. **Espírito do Jornalismo**. São Paulo: EdUSP, 1992.
- LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2012.
- LIMA SOBRINHO, B. **O problema da imprensa**. São Paulo: EdUSP, 2008
- MEDINA, C. **Fundamentos epistemológicos da informação jornalística**. 54 p. Tese (Titular). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- MEDINA, C. **Notícia – um produto a venda**. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1978.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- TÁVOLA, A. **Comunicação é mito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985